

## A Música da Alma

Régis Martins



CAROLINA ALVES

concorre ao prêmio Grammy com o disco “Nonada” e vai apresentar “Contínua Amizade” em outubro no Pedro II

MÚSICA DE PRIMEIRA André Mehmari

Aos 31 anos, o multiinstrumentista, compositor e arranjador André Mehmari é o que poderíamos chamar de “workaholic”. Tem vários projetos em andamento e outros já agendados entre concertos eruditos, gravação de discos e shows solo ou mesmo em parceria.

Nascido em Niterói mas criado em Ribeirão Preto, Mehmari acaba de lançar o CD “De Árvores e Valsas”, o primeiro que traz apenas composições próprias. Se não bastasse, o disco “Nonada” que gravou ano passado ao lado de feras como Rodolfo Stroeter (grupo Pau-Brasil) e a cantora Joyce, concorre ao Grammy na categoria Jazz Latino. Para novembro, vai estrear um concerto para trio de jazz e cordas, com a Orquestra do Estado de São Paulo (Osesp).

Em passagem por Ribeirão, onde se apresenta no Pedro II mês que vem (ver box), Mehmari falou sobre a carreira meteórica, que teve início quando tinha apenas 20 anos, sobre seu novo selo e ainda declara seu amor pelo interior paulista.

A Cidade – André, fale um pouco de “Nonada”, o disco que concorre ao Grammy e no qual você participa.

André Mehmari – É um disco de grupo com presença de Proveta, no sax e clarinete, Teco Cardoso (sax e flauta), Tutty Moreno (bateria), do Rodolfo Stroeter que tocou baixo e também produziu o CD e conta com a participação especial da Joyce na voz e no violão. Tem um repertório que vai de Baden Powell a Moacir Santos, passando por Caymmi. Só dele ser indicado ao Grammy já é uma coisa ótima porque o coloca em evidência já que o espaço pra música instrumental é bem limitado no Brasil.

A Cidade – Aliás, como está o mercado de música instrumental hoje no Brasil? A única saída para o músico brasileiro ainda é o aeroporto como diria Tom Jobim?

Mehmari – Ah, não sei. Eu por exemplo não iria para o exterior para acontecer. É da minha natureza. Mas claro que os espaços ainda são raros para a música instrumental. Em São Paulo, temos o Sesc que dá um grande apoio mas é uma instituição meio isolada nesta missão. É aquela história, o Brasil tem o cantor como um herói.

A Cidade – A canção no Brasil é muito valorizada?

Mehmari – O cantor, de uma maneira geral. Tem a Elis Regina, por exemplo, que personifica esta diva. Se você pergunta na rua sobre o Milton Nascimento vão te dizer que é um cantor, mas pra mim também é um dos melhores compositores do país e ninguém vai te falar isso. É algo cultural do brasileiro.

A Cidade – De qualquer forma você acaba de lançar um novo CD instrumental: “De Árvores e Valsas”.

Mehmari – É o primeiro disco dedicado às minhas composições. Ao longo dos anos, desde 2004, fui gravando as músicas, paralelamente a outros trabalhos. Lancei pelo meu selo: Estúdio Monteverdi. Gravei tudo em casa, toquei todos os instrumentos e tem participações especialíssimas: Mônica Salmaso, o Zé Miguel Wisnik e tem letras do (Luiz) Tatit.

A Cidade – E vale a pena investir numa gravadora numa época em que as pessoas apontam o fim do

CD?

Mehmari – Eu me gravo desde que tenho oito anos de idade. O selo em si é uma idéia recente, mas eu sempre tomei conta dos meus projetos. O próprio “Piano e Voz” com a Ná Ozzetti, que teve muita visibilidade, saiu pronto da minha casa. Eu gosto do objeto-CD, tanto que neste meu último lançamento eu investi pesado no material gráfico.

A Cidade – E o CD vai realmente acabar?

Mehmari – Acho que vai ser como o mercado de vinil que permanece um pouco underground para um público específico. Acho que o CD permanece como um objeto bonito, com um projeto gráfico diferenciado.

A Cidade – A internet ajuda o artista independente?

Mehmari – Ajuda e não ajuda. É uma faca de dois gumes. Dissemina a sua música de uma forma incrível como no MySpace, onde pessoas do mundo inteiro ouvem o seu trabalho. E, ao mesmo tempo, tem toda esta ilegalidade que prejudica o artista. As pessoas acham que isso não tem uma consequência e tem. A gente fica sem recursos pra fazer o próximo disco.

A Cidade – Você participa de um projeto em que faz versões de músicas de artistas famosos para crianças, o MPBaby. É algo bem diferenciado do que costuma fazer, não é mesmo?

Mehmari – É algo que fiz para a gravadora MCD em que gravei Beatles e agora o Clube da Esquina. Mas na verdade o Clube da Esquina, por exemplo, sempre me interessou. É um universo muito colorido e diversificado. Um milagre da miscigenação estilística.

A Cidade – Você acredita que foi um grande movimento?

Mehmari – Pra mim tem o mesmo peso da bossa-nova na história da música brasileira do século 20.

A Cidade – E o disco dos Beatles? Foi apenas uma encomenda ou você também curtiu?

Mehmari – De início foi uma encomenda mas acabei gostando (risos). Nunca fui um beatlemaníaco, mas o curioso que aquela sonoridade, aquela mixagem, fui ouvir primeiro nos discos do Clube da Esquina pra depois descobrir que a influência eram os Beatles. Aí falei: ah, é daqui que veio. Quando tinha uns 12, 13 anos, eu toquei aqui em Ribeirão numa banda de covers dos Beatles. Eu era o Paul McCartney (risos).

A Cidade – De alguma forma Ribeirão Preto teve influência na sua formação?

Mehmari – Acho que sim. Eu gosto do interior, gosto de uma praça calma, do cheiro da terra e da chuva. Gosto do tempo diferente do interior, da ausência de carros da rua. Não sou um cara muito cosmopolita. Inclusive não moro em São Paulo (André mora na Serra da Cantareira).

A Cidade – E como é viver na Cantareira?

Mehmari – Vivo cercado de Mata Atlântica e isto é um privilégio. O maior exemplo de biodiversidade do mundo. Tem tucano, macaco. É onde a natureza manda, porque se chove não posso gravar, por exemplo, pela descarga elétrica e pelo barulho. Antes, eu morava em Moema com aviões passando por minha cabeça, daí conheci a região da Cantareira e me apaixonei.

A Cidade – Mas de qualquer forma, você vive na grande São Paulo. Não há como trabalhar fora do eixo?

Mehmari – Não. São Paulo tem a vida musical mais aberta e diversificada do país e é um grande centro de trabalho.

A Cidade – Quando foi o momento em que você decidiu se tornar um músico profissional?

Mehmari – Com onze anos eu informei à minha família que queria fazer música a sério. Eu acho que quando descobri a música de Egberto Gismonti foi um momento crucial. Lembro que assisti aquele programa Ensaio (da TV Cultura) em que ele contava várias histórias. Aquilo mudou a minha vida. Pude identificar que a música poderia ser o veículo da minha alma.

## SERVIÇO

Contínua

Amizade

Com André Mehmari e o bandolonista Hamilton de Holanda. A dupla interpreta clássicos de Pixinguinha, Cartola, Egberto Gismonti, Guinga, além de composições próprias. O show traz músicas do